Pequenas cidades e dinâmicas de inserções no processo de globalização: uma leitura a partir da realidade brasileira

Referência: Gomes, R. (2012). Pequenas cidades e dinâmicas de inserções no processo de globalização: uma leitura a partir da realidade brasileira. Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n.º 2 (Dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Pág. 117 a 138

Resumo

Discute-se as relações entre o tempo e o espaço, expressas pelos tempos rápidos e pelos tempos lentos. Pretende-se compreender a relação global versus local, colocando em discussão as formas de afirmação e de negação da globalização no contexto de pequenas cidades brasileiras localizadas no Rio Grande do Norte, a partir do estudo do terciário. Foram consideradas as mudanças ocorridas no setor, promovidas pela política social que tem rebatimentos concretos no território e na reprodução social, sendo realçados pela mudança nos hábitos de consumo, que demarcam formas específicas de participação das pequenas cidades no processo hegemônico de reprodução da economia e permitem compreender os conflitos e desafios do processo de reprodução da sociedade em escala global.

Palavras-chave: Pequenas cidades, globalização, território, global versus local, terciário

Abstract

It's discussed the relations established between time and space that are expressed by the fast and slow times. The aim is to understand the relation global versus local to raise questions upon the ways of acceptance and denial of globalization in the context of small Brazilian cities located in the state of Rio Grande do Norte, by the analysis of tertiary activities. It's considered the changes that have occurred in this sector promoted by public policies of social content that has concrete repercussions on the territory and in social reproduction, being enhanced by the change in the consumption habits, which demarcate specific forms of participation from the small cities in the hegemonic process of economical reproduction and facilitate the comprehension of conflicts and challenges existing in the modern world in the process of social reproduction in global scale.

Keywords: Small cities, globalization, territory, global versus local, tertiary

1. Introdução

A discussão proposta nos leva a pensar, sobre os eventos que acontecem no espaço, com repercussões em escalas abrangentes e, ao mesmo tempo, sugere que pensemos o lugar, enquanto dimensão da reprodução da vida e, portanto do cotidiano que se reproduz por meio de práticas espaciais e sociais que não são definidas e estabelecidas na escala global, e sim na escala local, mas que são fundamentais para que manifestações globais possam acontecer.

A discussão está pautada nas novas relações entre o tempo e o espaço que se estabelecem no momento atual, no qual a ciência e a técnica se apresentam como componentes fundamentais no processo de produção do espaço, que ora acontece movido por tempos rápidos e pela efemeridade que caracterizam e define o global e ora pelos tempos lentos que caracterizam o local. Nesse sentido, é importante refletirmos sobre a dialética dessas relações, que se pronuncia entre a aparência e a essência. Isto é, na aparência o mundo se apresenta como sendo um só, ou seja, as lógicas globais parecem comandar todos os momentos de reprodução da vida das pessoas e da sociedade como um todo. No entanto, na essência, outra lógica também se pronuncia. Trata-se da lógica local, onde a vida cotidiana parece nada ter a ver com a globalização que se impõe.

No âmago dessa dialética pode-se perceber a existência do lugar que, se por um lado envolve a densidade técnica, a densidade informacional e a densidade normativa, numa dada dimensão temporal, como afirma Santos (1994), respondendo, dessa forma às exigências dos tempos rápidos, por outro, ocorre a imposição dos tempos lentos, envolvendo práticas e ações singulares, atreladas à existência dos indivíduos que se manifestam no dia a dia de cada um, representando expressões do cotidiano, categoria importante e fundamental para a compreensão do lugar, como assinala Carlos (1999).

Assim, procurando avançar na compreensão da relação global versus local, colocamos para discussão formas de afirmação/negação da globalização no contexto de pequenas cidades do território brasileiro, especificamente em pequenas cidades do Rio Grande

do Norte, estado da região Nordeste do Brasil, explicitadas por meio das mudanças substanciais que ocorrem nas atividades de comércio e serviços, motivadas pelas políticas públicas de conteúdo social, cujos rebatimentos têm sido de forma concreta no território e na reprodução social, colocando-se em destaque a mudança nos hábitos de consumo, que demarcam formas específicas de participação desses espaços no processo hegemônico de reprodução da economia, expresso pela globalização.

Do ponto de vista metodológico, além da leitura teórica e do levantamento de dados secundários obtidos no censo demográfico 2010, IBGE, recorreremos à investigação empírica, realizada em 70 estabelecimentos comerciais localizados em quinze (15) pequenas cidades do Rio Grande do Norte, (mapa 1), nos quais se procedeu a realização de entrevistas, aplicação de formulário, e levantamento das principais características desses estabelecimentos, no que se refere ao tipo de produto comercializado, ano de fundação do estabelecimento, número de empregados, ambientação, dentre outros. Entre as questões levantadas três foram relevantes: o tempo de funcionamento do estabelecimento, a procedência dos produtos comercializados e os tipos de produtos comercializados. Tais questões objetivavam responder aos pressupostos: a expansão do comércio após a implementação da política social do Programa Bolsa Família; a expansão da rede de relações das pequenas cidades via atividade comercial, não sendo mais suficientes as análises que consideravam as relações dessas pequenas cidades apenas com o seu entorno e a inserção de novos produtos no cotidiano das pessoas via consumo.

A sistematização dos dados quantitativos obtidos foi feita recorrendo ao SPSS e a sua análise enquadrada pela teoria dos dois circuitos da economia desenvolvida por Santoss (1979), e pela discussão do circuito marginal efetuada por Silveira (2004) quando da sua revisitação da referida teoria. Além destes autores, outros, como Harvey (1992) e Castelo (2005), influenciaram também a nossa interpretação. Harvey (1992), ao estudar a sociedade, atribuindo-lhe uma condição pós-moderna, chamou a atenção para a compressão espaço-tempo como uma de suas características fundamentais, sendo essa impressindível na compreensão da problematização levantada acerca das pequenas cidades e suas dinâmicas de inserção no processo de globalização. Por sua vez Castelo (2005), ao defender a ideia de clonagem dos lugares,

aponta caminhos que nos mostram a necessidade de observação e análise mais acurada dos processos que se desencadeiam no âmbito das pequenas cidades rumo a esse processo de homogeneização, mesmo se a relação tempo-espaço, no contexto desse processo homogenizador obedeça, também, a tempos lentos, condicionados por determinações locais e não apenas globais.

Mapa 1: Municípios visitados na pesquisa de campo – Projeto dinâmica urbana e o setor terciário nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte.

A definição de pequena cidade segue de perto a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, isto é, são incluídas nesta categoria as cidades que possuem até vinte mil habitantes. A opção pelo critério numérico é tão somente de caráter didático-prático, uma vez que não se pode reduzir o entendimento do que seja a pequena cidade a um mero conteúdo numérico. Isto porque, o que realmente importa para a construção desse conceito são as relações estabelecidas por essas cidades nos diferentes contextos espaciais, seja regional, nacional e até internacional e, o mesmo se aplica para a compreensão da reprodução do espaço que não acontece a partir do isolamento das cidades, mas sim de suas conexões.

Na essência, o propósito maior do texto apresentado, é discutir em que medida a globalização, como uma realidade em si mesma, se configura a partir da internacionalização do mundo capitalista, chamando a atenção para os processos que

se desenvolvem e metamorfoseiam a realidade rumo a sua negação, uma vez que as formas de inserção das pequenas cidades nesse processo, contraditoriamente, mais afirmam do que negam a idéia de globalização como fábula, apresentada por Santos (2000, p. 18).

2. Local versus global: entendimento necessário à compreensão do proposto

Há uma diversidade de compreensões sobre o que venha a ser globalização. No entanto, os estudos efetuados por diversos autores como Santos (1996), Hasbeart; Limonad (2007), Silveira (1993), Ianni, (1992) nos conduziram à compreensão de que a globalização é o movimento que procura universalizar as formas e o conteúdo do processo de produção do espaço. Sendo assim entendida, não deixa de ser relevante a afirmação de Santos (1994) de que *“não existem espaços globais e sim espaços da globalização”*.

A produção espacial motivada principalmente pela dinâmica da economia capitalista aponta para a tendência de afirmação dos processos globais frente aqueles que acontecem na escala local, que tem no lugar a sua referência espacial. Isto se dá a partir da ruptura progressiva que vai acontecendo na relação, tipicamente orgânica, existente entre o homem e a natureza, nos primórdios da civilização, de onde o homem retirava apenas o essencial para a sua sobrevivência, relação essa marcada, principalmente, pela individualidade dos lugares e dos indivíduos. De acordo como Santos (1994, p.20), nesse momento da história havia uma relação de reciprocidade entre o homem e o seu entorno a qual se foi desfazendo através de uma ruptura progressiva, agravando-se com o início da mecanização e, por conseguinte, a busca de dominação da natureza pelo homem. A cada momento essa relação se complexifica diante as mudanças ocorridas, chegando, na atualidade, ao ponto máximo dessa evolução, representado pela globalização.

O significado dessa globalização é o surgimento de uma economia mundial, bem como de uma proposta de desenvolvimento de forma única, da técnica, da ciência e da informação, trazendo consigo a transformação da natureza natural em natureza social,

definida à escala mundial por uma lógica que dirige toda a produção, consumo, circulação e distribuição, das mercadorias, de modo que *“o lugar pode ser visto como um ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, mundiais e locais, manifestados segundo uma gama de classificações que está se ampliando e mudando.”* (Santos, 1994, p.19.)

Na perspectiva desse mundo globalizado, o trabalho cada vez mais se universaliza ao mesmo tempo que é gerado um mercado mundial, condição fundamental para o desenvolvimento da economia contemporânea, que tem como suporte a informação e a comunicação desenvolvidas pela ciência e pela tecnologia. Novas formas de produção e de relações de trabalho são criadas, bem como de distribuição e circulação de mercadorias de modo que facilite e proporcione melhoria nas condições de reprodução do sistema vigente: o capitalismo em sua fase áurea de acumulação e reprodução.

No entanto, essa globalização provoca também a fragmentação, que espacialmente é representada pelo lugar. Se do ponto de vista da linguística, lugar e globalização, têm significado contraditório, o mesmo não acontece nas formas de reprodução, seja do processo globalizado da economia, seja da reprodução do lugar. Sendo assim, é importante assinalar que, para ampliarmos o conhecimento do mundo, precisamos conhecer cada vez mais o lugar. Como nos diz Santos, (1994) *“o lugar é o mundo”*. É no sentido dessa relação entre lugar e mundo que devemos compreender a globalização, entendida por Santos (1994, p. 48) como o sendo *“estádio supremo da internacionalização, a amplificação em sistema-mundo de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos”*. Admite também o autor, ser esta globalização um dos mais importantes paradigmas que pode proporcionar a compreensão de realidades contemporâneas e, portanto, do espaço geográfico. Isto porque graças ao desenvolvimento da técnica, da ciência e da informação, a globalização proporciona a aproximação dos lugares.

É importante ressaltar que o espaço global tem sua formação a partir de redes desiguais que, organizadas em diferentes escalas e meios, se sobrepõem, constituindo, assim, as expressões máximas da globalização. Como exemplos podem ser citadas: as empresas multinacionais, que procuram dominar as diversas estruturas produtivas e

não produtivas, os organismos internacionais que normatizam o uso do território em função da produção de processos globais e as redes sociais que se apresentam como instrumento importante na construção de estratégias políticas e de organização social da classe trabalhadora no enfrentamento das questões postas pelo mercado de trabalho que dia a dia coloca em cheque a sua reprodução.

O resultado da atuação dos elementos expressivos da globalização tem sido a competitividade entre países, e, de modo especial, entre os países subdesenvolvidos que são convocados a desenvolverem, o aspecto econômico, social e principalmente o informacional, para que, de maneira mais contundente, possam realizar os objetivos da globalização que, na realidade, é atender à demanda da reprodução do capital em todo o planeta.

O processo de globalização possibilitou um maior conhecimento através da ciência que, embora fragmentada em campos de saber específicos, permite a análise dos processos que produzem e reproduzem a sociedade, sendo um deles a reconstituição do todo por meio do lugar.

Nesse sentido, o desenvolvimento da história nos tem mostrado que a cada instante cria-se uma configuração territorial resultante cada vez mais de uma produção histórica, com tendência a negar a natureza natural em favor da natureza social. Como resultado de grande destaque nesse processo, temos a formação de um mundo, onde podemos afirmar a existência de um tempo real em que se dá a ocorrência instantânea da informação em todos os lugares, refletindo, desse modo, a compressão espaço tempo que segundo Harvey (1992) é composta pela fragmentação e a dispersão espacial e temporal que suprimem as diferenças e a fronteira. Tal fato evidencia que o homem da atualidade tem sua vida organizada, não no local específico, mas em áreas longínquas, o que implica dizer que embora o “conhecimento do mundo” seja o começo de tudo, a aplicação desse conhecimento se dá a partir do lugar, daí ser esse um dos papéis do local na globalização.

Por isso, seria incorreto pensar o local fora do contexto global, pois, sendo assim, a análise da pequena cidade, compreendida como cidade local, só tem sentido, enquanto informação teórica e científica se for inserida no processo de globalização

por que passa o mundo na atualidade, marcado por formas de apropriação que, ao fragmentar o espaço também o unifica, de modo que o local pode ser visto dentro do global e vice e versa.

Essas formas de apropriação incentiva o consumo do moderno, favorecendo a degradação das culturas nacionais e principalmente locais, contribuindo para tal a extinção das barreiras comerciais o que possibilitou a expansão e desenvolvimento da tecnologia a nível mundial, bem como a emergência de mudanças de grande relevância nos sistemas urbanos locais e regionais e, por conseguinte, no reordenamento e estruturação de pequenas cidades, passando algumas dessas a serem também produtos no contexto da mercantilização de novas formas de realização da vida econômica e social dos lugares. Isto porque, na sociedade atual, em particular nas pequenas cidades potiguaras, novos lugares também são criados, ainda que não sejam efetivamente os lugares de clonagem proposto por Castelo (2005). Trata-se na realidade, de lugares que atendem às novas demandas efetuadas a esses espaços e, nesse sentido, as mudanças que ocorrem no setor de comércio dessas cidades, seja na perspectiva de criação de novas estruturas, seja na oferta diversificada de produtos, se apresentam como vetor importante de inserção das mesmas no processo de reprodução da sociedade protagonizada por relações hegemônicas capitalistas.

Entretanto, o novo não chega a todos os lugares e, quando chega não é no mesmo momento e nem da mesma forma. Contudo, existe um encadeamento entre todos os lugares no mundo globalizado que permite, ainda que em níveis diferenciados, a integração espacial através da existência de fluxos e de fixos, o que está relacionado com a configuração do território e as relações locais. É a partir desse encadeamento que podemos entender a participação da pequena cidade no contexto da globalização.

Na busca desse entendimento, questões como a homogeneização dos processos espaciais e sociais, as formas de manifestação da lógica globalizante, ou o conteúdo da reprodução social são referências básicas utilizadas com o intuito de responder à questão central que nos levou à elaboração das reflexões aqui apresentadas. Ou seja, diante da tendência da globalização, de que forma as pequenas cidades, enquanto formas espaciais representativas do lugar – em especial as pequenas cidades

potiguanes - se inserem no contexto da construção de espaços globais, marcados por homogeneização dos processos econômicos, dos hábitos e dos costumes, se o lugar possui, na sua essência, as marcas da singularidade e do particularismo que são ditadas por lógicas locais e não globais?

Se procurarmos investigar os processos sociais, olhando para a forma de reprodução do capitalismo a nível mundial, certamente que todos os aspectos até então levantados a respeito da globalização se confirmarão, fazendo parecer que se trata de um processo homogêneo que envolve todo o mundo capitalista por excelência. No entanto, se desviarmos esse olhar e passarmos a ver o que ocorre no espaço, segundo as suas singularidades e especificidades, seja do ponto de vista do território, seja do ponto de vista social, econômico e cultural, vamos nos aperceber que o processo de globalização, sustentado no discurso da existência de um mundo sem fronteiras, de distâncias encurtadas, de um mundo único, não passa de uma fábula como afirma Santos (2001), ao analisar o processo de globalização, considerando não somente a aparência mas principalmente a essência desse processo.

Fazendo uso das considerações de Santos (2011), percebe-se que as características que envolvem esse processo “mundializado”, não ocorrem da mesma forma nos diversos países ou regiões do globo. Isto acontece de tal forma, que alguns analistas e estudiosos do assunto têm questionado sobre a adequação do termo mundialização ou globalização, uma vez que a África e a América Latina são áreas tratadas diferencialmente, ressaltando-se os graves problemas sociais existentes nestes continentes, bem como as suas características sócio-espaciais reproduzidas de forma desarticulada de uma economia global, já que partes do território destes espaços continentais se reproduzem ainda, com base em estruturas de produção tradicionais.

Mas, a globalização não se dá apenas na esfera do econômico. Sendo política, as repercussões básicas desse processo ocorrem sobre o território e sobre a população que nele habita. Entre os inúmeros resultados dessa repercussão, podemos salientar as mudanças na composição orgânica do território, resultando daí o desemprego, a marginalização, maior exigência de especialização da força de trabalho, mudanças na estrutura de produção com absorção de técnicas modernas que proporcionam o surgimento de novas relações de trabalho. Por fim, destacamos a expansão do

consumo como um dos resultados de maior relevância no conjunto das mudanças efetuadas no âmbito do processo da globalização. Magnificamente, essa expansão atende aos reclamos do capitalismo, ao se constituir no vetor principal de intercâmbio entre as sociedades e de articulação do território favorecida pela diversificação e espacialização dos objetos e ações.

Nesse sentido, a compreensão do que seja a globalização torna-se importante, pois a própria globalização da economia traz para o território um significado especial, corroborando como uma definição de território que o considere a partir de perspectiva dinâmica e processual, e não, somente, como uma representação espacial. Articulada a essa compreensão, *“o lugar aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno (...) como parte da articulação entre a mundialidade em construção e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento”* (Carlos, 1994, p. 303).

Sendo assim, pode-se afirmar, então, que o lugar enquanto ditado por determinações locais se reproduz na relação dialética com o global, por meio da qual a especificidade histórica, social e cultural do particular, isto é, do lugar, se expressam, por sua vez, através de desequilíbrios e de situações de conflito diante às tendências da sociedade urbana moderna.

Na medida em que se apresenta como ponto de articulação entre o global e o local, o lugar poderá nos permitir, através do seu estudo, a descoberta da sociedade na atualidade. Daí porque, entender o lugar significa analisar e refletir sobre várias questões que nele estão inseridas, as quais, associadas diretamente à reprodução da sociedade como sejam: a moradia, a saúde, a educação, o lazer, o consumo, os processos produtivos e, principalmente, o processo de apropriação que, enquanto significado da fragmentação, nos permite entender outras especificidades, tais como, o próprio indivíduo, a cultura e a vida social.

Considerando a dificuldade de fazermos uma discussão abrangente sobre o lugar dada a vasta literatura existente, optamos por discutir o conceito de lugar à luz do pensamento de Santos (1994) e Carlos (1994) por nos apresentarem caminhos metodológicos que embora diferenciados nos ajudam a compreender os processos por

meio dos quais a pequena cidade se insere na ordem social e econômica vigente marcada por duas lógicas, uma definida por processos globalizantes, que unifica, homogeneiza; outra definida por processos locais, singulares, individuais, vista como uma contra-racionalidade. No entanto, embora aparentemente contraditórias, essas duas lógicas convergem para um mesmo fim: a reprodução da sociedade capitalista.

Para Santos, (1996), a definição do lugar envolve a densidade técnica, a densidade informacional e a densidade normativa, bem como a dimensão do tempo. Mas, assim como Carlos (1994), propõe o cotidiano, enquanto categoria da existência e, desse modo uma categoria importante para a compreensão do lugar.

Segundo Santos (1994) *“cada lugar é o mundo”*. Ou ainda *“todos os lugares são virtualmente mundiais”* Enquanto isso, Carlos (1994) entende o lugar como a base da reprodução da vida, devendo ser analisado a partir da tríade: identidade, habitante, lugar, chamando a atenção para a compreensão do lugar como o espaço imediato das relações cotidianas, as quais criam o sentido do lugar.

No processo de percepção do mundo, o homem utiliza seu corpo, seus sentidos através dos quais se apropria do espaço e do mundo. Esta compreensão nos leva a concordar com Carlos, (1994) quando ela assinala que *“o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida”*. Ou seja, o lugar é o bairro, a praça, a rua. Desse modo, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalhar, o lazer, enquanto situações que são vividas e percebidas, revelando no nível do cotidiano, o qual obedece às determinações locais, os conflitos do mundo moderno que se reproduz em escala global. Todos esses elementos são muito bem representados nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte.

Em síntese, a concepção de Carlos (1994, p. 309), é de que *“O lugar revela, todavia, a especificidade da produção espacial global, não é uma forma, ele tem um conteúdo social; só pode ser entendido nessa globalidade e justificado pela divisão espacial do trabalho que cria uma hierarquia espacial que se manifesta na desigualdade”*.

A compreensão e entendimento do que seja a globalização e o lugar então expostas nos evidenciam que as relações que existem entre o global e o local são múltiplas e complexas, estando associadas à questão da apropriação, portanto, da fragmentação.

Nessa linha de raciocínio admitimos então, que a globalização entendida enquanto processo de universalização do processo de produção do espaço geográfico, se evidencia por meio da ocorrência das transformações econômicas e territoriais de caráter internacional, da especialização da produção dos espaços, da capacidade de uma maior concentração da produção e, principalmente, do aumento da circulação de mercadorias, de ideias de inovações, entre outros. Além do que, também podem ser elucidadas, a horizontalização e verticalização do território, a importância dos processos de regulação na constituição das regiões e os conflitos entre o local e o global no espaço, que se apresenta também por meio do conflito entre a racionalidade e a contra-racionalidade.

Este conflito torna-se evidente dado o fato do desenvolvimento da tecnologia e da ciência favorecer a especialização cada vez mais acentuada de alguns lugares, tornando-os mais atrativos, ficando à margem os lugares onde tal atratividade não acontece. É o que se pode constatar em pequenas cidades brasileiras, sendo aqui destacadas as pequenas cidades do Rio Grande do Norte/ Brasil que foram polarizadas por centros maiores e que se tornaram “incapazes” de absorver os processos de mudanças espaciais que aconteceram, mantendo, dessa forma, elementos tradicionais cujos significados são pouco importantes no processo de convergência para o ponto central que é a hegemonia econômica do modo de produção capitalista. Isto não significa dizer que tais cidades estão excluídas desse processo, uma vez que no território dessas cidades o processo de valorização do capital nas suas diversas expressões materiais e relacionais é evidenciado por meio da expansão das atividades terciárias – comércio e serviços - cuja dinâmica tem sido da maior importância no processo de produção do espaço dessas cidades. Sobre essa questão nos deteremos no texto a seguir.

3. O terciário nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte

A discussão do setor terciário no âmbito das pequenas cidades potiguares implica compreender as importantes mudanças que ocorreram nas estruturas organizacionais

e no mercado de trabalho a partir de 1970 nos países desenvolvidos e de certa forma em áreas de países em subdesenvolvimento ou nos chamados países emergentes, atreladas ao processo de reestruturação produtiva, sendo o Brasil um exemplo.

No caso brasileiro, as políticas governamentais implementadas, visando superar o atraso social e tecnológico existente quando comparado aos países desenvolvidos, bem como a modernização das forças produtivas que promoveram homogeneização das relações de trabalho, foram fundamentais para a promoção da mudança.

Nesse processo modernizador, a fragmentação das estruturas sociais foi um dos resultados mais contundentes, associado ao dismantelamento das formas de organização do mercado de trabalho, fazendo surgir formas precárias de atividades produtivas e de trabalho, seguidas da diminuição do emprego padronizado, revelando, dessa forma, o aprofundamento das desigualdades sociais e econômicas que historicamente fazem parte da realidade social desse país.

É nesse contexto que se destaca a expansão das atividades terciárias emergente no âmbito das pequenas cidades norte-rio-grandense, as quais têm se beneficiado das políticas federais de transferência de renda, a exemplo do Programa Bolsa Família, assim como do pagamento do funcionalismo público e dos benefícios das aposentadorias. Isto é, a política social implementada pelo governo brasileiro desde 2003 tem garantido a expansão da atividade de comércio e serviço, muito embora com particularidades específicas, como a informalidade, que pode ser considerada como uma das estratégias e alternativas encontradas por aqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho formal. A informalidade foi um traço característico marcante da atividade comercial nas cidades então pesquisadas.

A quantificação estatística do setor informal nas atividades terciárias no Brasil e, em especial nas pequenas cidades, é muito precária, dada a dinâmica e efemeridade dos estabelecimentos e dos negócios que são efetivados. A avaliação feita pela Organização Internacional do Trabalho entre 1986 e 1996, indicou que para cada cem novas ocupações criadas na América Latina, 80 foram informais. Já a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE/Brasil realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do Brasil, mostra que metade da população ocupada nessas regiões encontra-se na

informalidade, quadro que se repete nas pequenas cidades, onde a principal fonte de emprego é o serviço público municipal.

Outra característica importante a ser destacada no terciário das pequenas cidades potiguares que constituíram o nosso campo de investigação empírica, diz respeito ao fato dos estabelecimentos, na sua maioria, apresentarem uma estrutura familiar, tendo o chefe da família como responsável pelo empreendimento, mas também como a única força de trabalho empregado. No caso de estabelecimentos com mais de um funcionário, estes normalmente têm parentesco com o dono do estabelecimento, quando não filho ou filha. Essa realidade pode ser explicada pela própria condição de informalidade da atividade, significando que a grande maioria dos empreendimentos comerciais das pequenas cidades, então pesquisadas, embora essa realidade seja generalizada para todo RN, não se constitui como unidades empregadoras de mão de obra, uma vez que normalmente esses estabelecimentos “empregam” apenas pessoas da família. Nos 70 estabelecimentos do setor terciário das 15 pequenas cidades do Rio Grande do Norte pesquisada, (mapa 1) mais de 20% dos trabalhadores tinham laços de parentescos com os proprietários dos estabelecimentos. É válido ressaltar que nos demais, prevalece o próprio dono como força de trabalho.

O uso do trabalho familiar no comércio das pequenas cidades se explica principalmente pela pequena dimensão dos estabelecimentos e pela não obtenção de lucros suficientes para contratação de pessoal. Além desses aspectos, o estabelecimento é, na realidade, a fonte de emprego para os filhos que chegam à idade de trabalhar e como não tem oferta por parte do mercado de trabalho, a própria família cria situações em que o jovem possa contar com uma renda mínima necessária para atender às demandas básicas, ainda que pouco suficiente para a sua reprodução. Além disso, o fraco dinamismo da atividade comercial nessas cidades, que apenas se altera por ocasião das festas de padroeiras e outras comemorações festivas anuais, é desfavorável à contratação de funcionários pelos comerciantes. Esse quadro é bem elucidativo da realidade da atividade terciária que se dá em bases totalmente diferenciadas daquelas que subsidiam essa atividade nos grandes centros, o que nos leva a inferir que as características apresentadas estão mais direcionadas para uma atividade de subsistência do que para uma atividade capitalista voltada para a

acumulação. No entanto, seja na condição de subsistência seja na condição de base familiar, o comércio emergente nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte, reproduzem o capital, ao mesmo tempo em que “atende” aos desejos e anseios produzidos pela mídia, fazendo as pessoas creditarem ao consumo manifestações de felicidade, de realização pessoal e, principalmente, de cidadania.

Nesse sentido, a expansão das atividades terciárias que ocorre no território potiguar, assim como em outros espaços de dimensões diferentes inseridas no conjunto das ações modernizadoras que ocorreram a partir da década de 1970, vem-se constituindo como um campo fértil para a geração de empregos precários e de atividades informais e, portanto para a emergência dos dois circuitos economia urbana, analisados por Santos (1979), sendo eles: o circuito superior e o circuito inferior.

Para Santos (1979), o circuito inferior apresenta-se como um “subsistema do sistema geral de relações espaciais”, compreendendo assim o processo de fabricação em moldes tradicionais, e as atividades informais que se reproduzem com relações de trabalho também informais. Enquanto isso, o circuito superior atende às demandas específicas da reprodução das relações capitalistas de produção, apresentando-se de forma moderna e coerente com a lógica globalizante e imperialista do capital.

A pesquisa empírica também nos proporcionou a constatação da permanência de formas tradicionais de venda, a exemplo da utilização de fichas individuais de clientes e promissórias, bem como da caderneta de fiado. A utilização de cheque e de cartão de crédito embora existente, ainda é inexpressiva no contexto comercial dessas cidades, sugerindo que as lógicas locais, baseadas na manutenção de relações de amizade e de confiança entre o consumidor, também chamado de freguês devido à frequência e preferência ao estabelecimento, e o comerciante, são determinantes nas relações de compra e venda. Isto porque, muitos comerciantes enxergam com certa desconfiança essas formas modernas de venda. A prevalência de formas tradicionais de venda constitui uma marca das atividades do circuito inferior, marca essa que se coaduna com as próprias condições dos consumidores, na sua maioria, beneficiários dos programas sociais, e que há bem pouco tempo se encontravam em condições de pobreza plena ou mesmo em condições de indigência.

Contudo, mesmo que nas pequenas cidades potiguares os estabelecimentos comerciais não apresentem uma dinâmica tal qual se observa nos empreendimentos comerciais dos grandes centros urbanos atrelados ao circuito superior, é perceptível que os padrões e características do circuito inferior apontados por Santos, (1975) ao criar a teoria dos dois circuitos, já não se reproduzem na mesma intensidade. Isto porque, no momento atual, diante das novas demandas de consumo, mudanças substanciais no ato de consumir são impostas. Associada a essa nova realidade observa-se que a crescente difusão das técnicas nos espaços, bem como de normas, e, cada vez mais a demanda de trabalho intelectual, criam, na pequena cidade um ambiente favorável ao surgimento do circuito superior marginal, sendo este composto por atividades herdadas de pretéritas divisões do trabalho, associadas às novas formas de trabalho que emergem e são incluídas nas atividades modernas (Silveira, 2004).

Os estabelecimentos de comércio de estrutura tradicional, que continuam a utilizar formas de relações de venda arcaica, dividem o espaço das ruas de comércio com empreendimentos modernizados, tanto no que diz respeito aos espaços físicos com o uso de materiais modernos como vidro, espelhos, granitos, vitrines, computadores, quanto ao que diz respeito aos processos de compra e venda. Essa modernização capacita esses empreendimentos a criarem um ambiente propício à realização e concretização dos sonhos de consumo da população local, transformando o cidadão em um consumidor que tem acesso a produtos eletrônicos importados, com possibilidade de conectar com o mundo, de usar o facebook. Os eletrônicos são produtos condizentes com o atual meio técnico-científico-informacional (Santos, 1996), que respondem às demandas de reprodução do sistema capitalista como um todo.

A informatização, antes restrita ao circuito superior, também se insere no processo de modernização das atividades terciárias dos pequenos estabelecimentos familiares das pequenas cidades. Sobre essa nova realidade Salvador (2011), apoiando-se nas ideias de Silveira (2004) destaca:

Tomando como fundamento as concepções de Silveira (2007a, 2004), afirmamos que as técnicas contemporâneas são flexíveis, divisíveis e dóceis, e, desse modo, são acessíveis ao uso pelos diferentes agentes sociais, sejam eles hegemônicos e

qualificados profissionalmente, ou não hegemônicos e sem grande ou nenhuma qualificação. Dessa maneira, técnicas modernas vêm sendo reutilizadas crescentemente no circuito inferior, fazendo com que novos serviços sejam oferecidos aos clientes, como os de publicidade, os de informática, de telefonia móvel etc. (Silveira, 2004).

Todavia, o estudo do setor terciário nas pequenas cidades implica também a compreensão das relações sociais que acontecem no âmbito do cotidiano local. Essa compreensão é fundamental ao desvendamento dos processos responsáveis pela reprodução social, pelas mudanças e conflitos que acarretam novas dinâmicas sociais.

Nessa perspectiva, traçando um vínculo entre o cotidiano e a expansão das atividades comerciais, observa-se que a propagação da ideologia do consumo por meio das diversas mídias (televisão, rádio, e mais recentemente, a internet) tem imposto um novo padrão de consumo à população desses pequenos núcleos urbanos, acarretando a diversificação das mercadorias comercializadas e o aumento do número de estabelecimentos comerciais. Assim é perceptível nas ruas de comércio das pequenas cidades a predominância de lojas destinadas à venda de roupas, cosméticos e acessórios, em especial feminino, apontando para as novas tendências de consumo da população.

As lojas de variedades, isto é os bazares, se destacam no comércio das pequenas cidades. Mesmo com dimensões longínquas, essas lojas assumem um papel de *shopping*, pois se tratam de lojas onde existe um pouco de tudo: brinquedos, roupas, adereços, produtos de decoração etc. Os depoimentos dos comerciantes entrevistados, proprietários desses estabelecimentos comerciais, foram unâimes em afirmar que a diversidade de produtos colocados à disposição do consumidor é uma estratégia para garantir o fluxo de venda durante todo o ano. No entanto, também de forma estratégica, esses comerciantes procuram adaptar seus estoques segundo o calendário das festividades que ocorrem na cidade, como sejam: festa de padroeiro, festas juninas, festas de final de ano – natal, dias das mães e dos pais, carnaval etc.

Também se destacam nos espaços de comércio das pequenas cidades os empreendimentos ligados aos cuidados com a aparência e aqueles atrelados ao ramo

da gastronomia. Trata-se de dois aspectos importantes na dinâmica do terciário. Fazendo jus à sociedade capitalista enquanto sociedade da aparência, cuidar da beleza, do visual é antes de tudo uma necessidade. Isso explica a proliferação salões de beleza que estão presentes nessas cidades, dando contribuições significativas à indústria de cosméticos, sendo esta apresentada como uma das indústrias mais dinâmicas da economia, em especial na economia brasileira, uma vez que pesquisas realizadas pelo próprio setor apontam a mulher brasileira como uma das mais preocupadas com a aparência.

A presença de bares, restaurantes, quiosques e lanchonetes nas pequenas cidades, é também um fato a ser notificado, uma vez que tais estabelecimentos eram praticamente inexistentes antes da efetivação da política social referida. Essa constatação se deu por meio das entrevistas realizadas com os proprietários desses estabelecimentos, quando questionados sobre o tempo de existência dos mesmos. Sendo assim, duas reflexões são pertinentes. A primeira é a de que o aumento do número de estabelecimentos que produzem refeições responde aos novos hábitos alimentares das pessoas que paulatinamente se prolifera nessas cidades ao mesmo tempo em que esse novo hábito – o de fazer refeição fora de casa se constitui também em uma atividade de lazer, dimensão de muita carência nas pequenas cidades.

Por fim, importa dedicar alguma atenção ao papel exercido pelas atividades comerciais na inserção das pequenas cidades, no contexto da rede urbana regional e nacional ou até internacional, expresso seja pela venda, seja pela compra de mercadorias.

Se considerarmos a venda de produtos, podemos dizer que na realidade o comércio das pequenas cidades, diante as suas características, atende basicamente a demanda apresentada pela população residente. No entanto, quando consideramos a compra da mercadoria que é comercializada no comércio local, podemos afirmar que esse comércio tem uma importância significativa na reprodução do capital, uma vez que a compra dos produtos a serem comercializados nestes núcleos urbanos, são das mais diversas cidades do país e até do exterior, em especial aquelas produzidas em mercados onde a força de trabalho é barata, dando possibilidade da oferta de produtos baratos nesses mercados. Contudo, no estado do Rio Grande do Norte, embora diversos outros centros sejam acessados pelos comerciantes das pequenas

cidades para a aquisição de mercadorias, Natal, capital do estado, afirma-se como o principal centro de compra dos comerciantes varejistas das pequenas cidades, sendo as lojas de venda atacadista do Alecrim, os principais estabelecimentos de compra.

Fortaleza, capital do estado do Ceará, e Caruaru, cidade do interior do estado de Pernambuco, são os principais mercados de roupas, calçados e acessórios acessados pelos comerciantes das pequenas cidades. Nestas duas cidades concentram-se várias indústrias do ramo têxtil e de confecções, destacando-se como centros importantes de articulação do território via atividade comercial.

Nesse sentido, as pequenas cidades têm uma dupla função: articular o território e contribuir para a reprodução e constituição da rede de negócios que se estabelece em torno da atividade comercial, o que não significa dizer que os processos que definem essa articulação sejam processos globais, já que na sua grande maioria as singularidades e especificidades são os principais responsáveis pela sua ocorrência, como é o caso da força de trabalho familiar que predomina nos estabelecimentos comerciais.

Por fim ressaltamos o setor de serviços que, assim como as atividades de comércio, também ganham outra dimensão no contexto das pequenas cidades. Embora de forma ainda pouco dinâmica, percebe-se que os serviços privados ganham outra dimensão nesses espaços onde há bem pouco tempo quase não existiam. Por outro lado, também fica clara a importância das pequenas cidades na manutenção dos serviços, em especial os serviços médicos, sendo essa mais uma forma de articulação do território com a participação efetiva das pequenas cidades.

4. Considerações finais

Tomando a realidade econômica das pequenas cidades do estado do Rio Grande do Norte expressa por meio da dinâmica comercial, parece-nos que a ideia de Santos, ao tratar a globalização na perspectiva de uma fábula, mesmo que não esteja totalmente inválida é merecedora de uma releitura que coloque em destaque a relativização dos fatos que compõem a realidade. Isto porque, as especificidades e singularidades do lugar produzem particularidades que não condizem, pelo menos na aparência, com as

formas e processos globalizantes que procuram homogeneizar as diversas realidades existentes, uma vez que lógicas locais se sobrepõem a lógicas globais. Contudo, não podemos negligenciar a compreensão desses processos, entendidos como contraracionalidades à lógica do capital, e o resultado deles decorrentes. Isto porque, mesmo que não se reproduzam sob relações capitalistas, promovem a sua acumulação. Nesse sentido, é válida a ideia de Martins (2010) ao afirmar que o capital não somente cria e recria formas não-capitalistas de produção, mas também mantém formas atrasadas, aparentemente contraditórias, que na essência são importantes, tanto para (re)produção quanto para o processo de acumulação do capital.

Assim, mesmo apresentando um baixo dinamismo das atividades comerciais, as pequenas cidades, enquanto fragmentos do global reproduzem relações e processos que no conjunto reproduzem o sistema enquanto tal. Não importa como, em que circunstâncias ou mesmo de que forma se dê o consumo. Importa sim, que o consumo aconteça. Para tal, os hábitos, valores, cultura e outros elementos componentes da individualidade dos lugares foram modificados, mas também foram mantidos. A manutenção ou extinção depende das demandas que o capital impõe para a sua reprodução.

A globalização como fábula, trabalhada por Milton Santos, parece ser evidente no Brasil onde nos deparamos com lugares em que o moderno ainda é incipiente e o tradicional impera. Mas, não será este um aspecto fundamental no processo de reprodução do capital numa escala global?

É dessa forma, também, que o local se insere no global.

5. Referências bibliográficas

Carlos, A. (re)produção do espaço urbano São Paulo, EDUSP, 1994, 270p.

Carlos, A. O lugar: modernização e fragmentação. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SCARLATO, F. et al. (orgs.) Fim de século e globalização: o novo mapa do mundo. São Paulo, HUCITEC - ANPUR, 1993. (Geografia: Teoria e Realidade, 20).

Castelo, L. Repensando o lugar no projeto urbano. Variações na percepção na virada do milênio (1985-2004). Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, UFRGS, 2005.

Harvey, D. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

Ianni, O. Sociedade global. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1995. 194p.

Martins, J. O Cativo da terra. São Paulo. Contexto, 2010

Santos, M. Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo, HUCITEC, 1994, 190 p.

Salvador, D. A expansão e a redefinição do circuito inferior da economia urbana da cidade dos países subdesenvolvidos no período atual.
<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/789352f78d2f6e45467e7f13ae84c189.pdf>. Consultado em 23 de setembro de 2012.

Silveira, M. Globalización y Circuitos de la Economía Urbana en Ciudades Brasileñas .
In: Cuadernos del Cendes. A. 21. N. 57, tercera época, septiembre-diciembre 2004, p. 1-21.

Silveira, M. Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; Scarlato, F. et al. (org.). Fim de século e globalização: o novo mapa do mundo. São Paulo, HUCITEC, ANPUR, 1993. (Geografia: Teoria e Realidade, 20).